

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Caniza da Manhã

Class.: 09

Data: 09/12/67

Pg.: 12 (1º e 2º de 12)

### Na trilha dos Índios Karajá - XVIII

### Penas multicores alegram festejos

Gontran da Veiga Jardim



TRAJE DE GALA

Com o lorilori e outros atavios, o jovem Karajá está pronto para as festas

Apenas dois tipos de vestimenta existem entre os Karajá: a proteção da glândula mediante amarração do prepúcio entre os homens, a que denominam noon-si, e, entre as mulheres, uma faixa de entrecasca de árvore presa à cintura, chamada rabicho (uetanã). Mede de 12 a 20 centímetros de largura e cai até os joelhos. É preciso que se explique: vestimenta é aquilo com que eles, os índios, se consideram "vestidos". As meninas trazem simplesmente um cinto de fio de algodão em volta da cintura, deixando o sexo descoberto. Os meninos nada usam.

Os adornos entre os Karajá são peças indispensáveis nos dias de festa e comemorações. O principal é o cocar (lahetô), todo feito de penas ajustadas a talas de bambu. Sua forma lembra o Sol que desponta no horizonte e as cores são variadas. Segundo a tradição, o cocar abriga como se fosse uma casa (retô). Os guerreiros na sua festa principal usam os seus mais belos cocares e por isso ela é chamada retohocã, que significa uma grande quantidade de lahetô.

Outro tipo de cocar é o lorilori, menor que o lahetô, também de penas mas formando botões de flores e não mais o grande Sol. O ôdi é outro tipo de cocar, constituído de uma faixa que rodeia a cabeça, encimada por penas multicores, porém, menor que o lahetô. Antigamente cada família possuía o seu cocar característico, mas com o passar dos anos todos os guerreiros adotaram os vários tipos de cocares, não se podendo identificar hoje a família por esse adorno. Os brancos (nohontã) são hoje usados tanto pelos homens como pelas mulheres. O mais importante tem no centro um dente de capivara nova, que antigamente indicava nobreza. São feitos de penas coloridas e têm o formato de uma flor bem aberta.

Outro adorno usado pelos Karajá é o Uolub (a mulher chama de koluó), que é uma tala de madeira presa ao lábio inferior. A tala é fina em sua espessura, leve e traz desenhos feitos com tinta de jenipapo ou urucum. Seu comprimento varia de 20 a 35 centímetros. O uolub, pode ser retirado facilmente, mas o seu uso é obrigatório e é por isso que os meninos têm o lábio furado desde tenra idade, como já vimos anteriormente.

A tanga, privilégio dos homens, é toda tecida em fibra de palmeira, em volta da cintura, de onde pendem tiras também de fibra, imitando os saíotes havaianos. O outro tipo é feito com cipó, que envolve a cintura, mas os pingentes são penas multicores. Abaixo dos joelhos, os jovens guerreiros usam uma faixa de fio de algodão, que é tecida na própria perna. A faixa é bem apertada, evita varizes e o engrossamento desmesurado da perna. A faixa é toda pintada com urucum, que amacia o tecido. No antebraço, os jovens usam uma pulseira de fio de algodão, que serve para proteger a pele no manejo do arco, evitando que a corda, ao voltar depois de esticada, machuque o antebraço. Depois de treinados, os guerreiros não precisam mais da pulseira, pois aprendem uma torção do pulso, que corrige essa deficiência, não permitindo que a corda atinja a pele. Os jovens — moças e rapazes — usam colares feitos de sementes de várias cores. Hoje em dia preferem as miçangas. É raro hoje o colar de dentes ou unhas de onça, tão usado pelas antigas gerações. Em toda casa Karajá são encontrados o pilão, o ralador, peneiras, faneiros e vasilhames de barro e cabaças. O pilão é um tronco de madeira furado a fogo, de abertura ajunitada. Com a mão-do-pilão os índios moem vários cereais. O ralador é um pedaço de madeira cravado com fortes espinhos de tucum ou fibras de palmeira. A peneira (tipiti) tem a forma de um retângulo. É feita de talas paralelas, seguras por fios de algodão em posição vertical. O paneiro (cêsto) doméstico, sempre usado pela mulher, tem o nome de ueriri, é feito de talas e palhas entrecruzadas, sem amarração, apenas ajustados. Esses paneiros são de tamanho regular e servem para transportar produtos da lavoura e até lenha.

As panelas de barro, potes e bonecos são manufaturados pela mulher, alguns com belos desenhos e figuras em relevo. Escotido o barro especial, que é misturado a cinza ou capim, é feito o fundo da vasilha, um prato. Ali a mulher vai superpondo tiras em volta, sempre umedecendo a mão na água. A espessura é medida pelo tato e o vasilhame, depois de pronto, é tão bem feito como os fabricados em plarias especializadas. Enquanto o barro está úmido, são modeladas à parte as figuras desejadas, que são colocadas na parede externa da vasilha. Isto feito, o recipiente é exposto ao Sol durante semanas, até que fique totalmente seco. Depois, é levado ao fogo para o cozimento do barro. As pinturas integram a fase de acabamento. A boneca também obedece ao mesmo processo.